

# A literatura de testemunho na expressão poética do poeta Agostinho Neto

Airton Souza de Oliveira\*

## Introdução

**A literatura de testemunho, como nos alerta o teórico** Márcio Seligmann-Silva (2003), não está ligada a um gênero textual específico, porque ética e esteticamente essa “forma” literária – se é que podemos denominá-la de “forma”, e para além de qualquer pejorativismo que possa comportar o termo “testemunho”. Ela transpõe as especificidades que possuem determinadas definições de alguns gêneros literários, porque assinala uma relação bem mais próxima com a realidade do que com a ficção. Isso se deve, sobretudo, à quando a relação ficcional prima por negar uma relação com a realidade, geralmente assumindo papéis significativos e simbólicos somente como elaboração ficcional.

Para tanto, ligada de maneira mais intrínseca com a realidade histórica, a *literatura de testemunho* parte inicialmente dos processos de rememorações do passado ou de uma imediata relação com o presente. No entanto, seu procedimento não pode ser confundido com a realidade puramente histórica, nem simplesmente tentar seguir uma lógica, que é o tentar representar a realidade. Pois, como veremos, a *literatura de testemunho* propõe a instauração de outras realidades possíveis. Condicionando as temporalidades: passado, presente e futuro. Ela relaciona-se,

---

\* Licenciado em Letras – Português pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Licenciado em História pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI), Mestre em Letras pela UNIFESSPA, Pós-graduado em Direção, Coordenação e Orientação Pedagógica pelo UNIASSELVI, Pós Graduado em História e Cultura Afro-Brasileira pela mesma Instituição e pesquisador-bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Além disso, é poeta e professor do ensino básico. Possui mais de 34 livros publicados e participação em mais de 80 antologias literárias. Seus poemas já foram traduzidos para o espanhol, inglês e alemão. E-mail: souzamaraba@gmail.com.

entre outras questões, com contribuições simbólicas e significativas capazes de deformar, reelaborar, problematizar a própria realidade histórica, traçando assim subjacentes fronteiras entre a representação histórica e a testemunhal. Ao mesmo tempo, coloca a palavra em seu estado estético e ético. Conforme abordaremos nesse artigo, a *literatura de testemunho* possui diversas imbricações que resultam na instauração de outras realidades ficcionais que reverberam, testemunhalmente, a própria realidade.

Nesse sentido, como compreender a *literatura de testemunho*, perpassada em um complexo paradoxo entre o real e a ficção? Quais características pode ter uma literatura com imbricações ligadas ao *testemunho*? Essas e outras questões nortearão a escrita deste trabalho, principalmente voltada para a expressão poética do angolano Agostinho Neto, a partir de uma análise de seu livro *Poemas de Angola*, publicado em 1976 pelas edições *Caderno Capricórnio*. Para tanto, propomos, levando em consideração, sobretudo o que escreveu Seligmann-Silva (2003), que a *literatura de testemunho* pode ser compreendida como um *procedimento*. Nesse caso, mostraremos como a poética de Agostinho Neto possui, em si mesma, questões relativas à memória; à história; à linguagem e sua estética; à ética; aos tempos: passado, presente e futuro, a partir, por exemplo, de análises das marcações verbais presentes no poema; aos contextos históricos; à reelaboração discursiva; à evocação e à reflexão e, acima de tudo, à característica que lhe é peculiar, a resistência como ato de existência.

No entanto, para pensarmos o que pode ser caracterizado como uma *literatura de testemunho*, faz-se necessário partirmos do que prognosticou Jeanne Marie Gagnebin (2006), no livro *Lembrar Escreve Esquecer*, a partir da leitura dos ensaios *Experiência e Pobreza* de 1933 e *O narrador*, escrito entre os anos de 1928 e 1935 por Walter Benjamin, ao enfatizar que “Ambos os ensaios partem daquilo que Benjamin chama de perda ou de declínio da experiência (*Verfall der Erfahrung*)” (Gagnebin, 2006, p. 50). Neste caso os dois ensaios de Benjamin congregam duas importantes reflexões, que são elas: em primeiro lugar, as reflexões em torno da força produtiva e da técnica, em segundo lugar, a reflexão a respeito da impossibilidade de narrar de maneira sóbria e harmônica, repleta de inquirições sobre como reconfortar os homens e o mundo.

Em parte, e para Gagnebin (2006), na *literatura de testemunho*, o ato de narrar deve acontecer principalmente sob o impacto do horror, por meio da *rememoração*, para assim produzir uma literatura esteticamente testemunhal. Isto consiste no que a pesquisadora chamará de narrar “sobre a memória traumática, sobre a experiência do choque” (Gagnebin, 2006, p. 51).

## A literatura de testemunho como procedimentos de rememorações e resistências na história e na literatura

A *literatura de testemunho* não é essencial ou objetivamente documental, enquanto *práxis*, ao levarmos em consideração o que Alfredo Bosi (2002) denomina de *princípio da realidade*. Ela vai além dessa possibilidade de ser compreendida como um documento histórico e tem assim, em si, uma espécie de justaposição entre ficção e realidade, no sentido criativo e estético que comportam esses dois termos referenciais ao se tratar de *literatura de testemunho*. Contudo, parte *a priori* do chamado princípio de realidade, ou seja, do real. Nesse caso, há uma reelaboração estética e discursiva de uma determinada realidade, assinalando como parte de experiências testemunhais que os(as) escritores(as) e/ou poetas vivenciaram. O que podemos denominar de experiências históricas. É basicamente dessas experiências que emerge a *literatura de testemunho*.

Resumidamente, temos uma complexa e ampla relação, baseada na liberdade inventiva que reelabora e resulta noutras realidades, que são, ao mesmo tempo, ilustrações imagéticas, simbólicas e reverberações de experiências históricas, mas compreendidas como *literatura de testemunho*. Outras características também demarcam as partes fronteiriças do que é compreendido como *literatura de testemunho*, conforme veremos.

Portanto, a literatura com uma expressão testemunhal tem características revestidas por *mecanismos* – porque ainda não temos um termo mais adequado para citar aqui – de testemunhos, ao mesclar simultaneamente, sem o extravio da memória, as três temporalidades possíveis: *passado*, *presente* e *futuro*. É como se estivesse ocorrendo, concomitantemente, um jogo evocativo desses três tempos imbricados na *literatura de testemunho*. Ao passo que o passado é invocado através da memória, por meio do procedimento denominado de *rememoração*, é preciso enfatizar que ele – o passado – nunca estará completo, porque sempre lhe escapará algo, como em uma vertigem, porque a memória não funciona processual e linearmente. Nesse sentido, segundo ressaltou Jeanne Marie Gagnebin “Tal rememoração implica uma certa ascense da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, com hesitações, solavancos, incompletude [...]” (Gagnebin, 2006, p. 54). Assim, a memória não é capaz de uma rememoração completa das experiências do passado, conforme enfatizado por Walter Benjamin em seu ensaio *Sobre o conceito da História*, o que vem à tona é o “momento de sua conhecibilidade” (2012, p. 243).

Já o presente funciona nesse processo como ferramenta estética e ética de evocação ativa de uma vontade, que é histórica e também discursiva, e traz, em seu

âmbito implicações para o poder; além da tênue relação inventiva de manter um presente sempre vigilante quanto às experiências do passado, que, em sua grande maioria, não foram boas experiências históricas. Desse modo, o futuro carrega repositórios dessas relações do passado, sempre sob a ênfase da rememoração, com a busca de possíveis definições da não repetição elucidativa desse mesmo passado, sendo isso também parte do que concerne ao presente e a toda a sua carga histórica.

É justamente nesse sentido que Todorov enfatiza que:

A evocação do passado é necessária para afirmar a própria identidade, tanto a do indivíduo quanto a do grupo. Sem dúvida, um e outro também se definem por sua vontade no presente e seus projetos de futuro; mas não podem dispensar-se dessa primeira evocação. (...) Se recebemos uma revelação brutal do passado, que nos obrigue a reinterpretar radicalmente a imagem que fazíamos dos nossos próximos e de nós mesmos, não é um compartimento isolado de nosso ser que fica alterado, mas nossa identidade mesma. (Todorov, 2002, p. 195).

É por isso que os três tempos são respectivamente, na *literatura de testemunho*, necessidades reinterpretativas prontas a se relacionarem simultaneamente. São, desse modo, mais que construções discursivas estanques: estão imbricados temporalmente um no outro, traçando um dialogismo incessante por meio da palavra literária e representando uma complexa relação entre linguagem, realidade, representação e reelaboração de outras realidades.

A *literatura de testemunho* tem relações intrínsecas entre a experiência histórica e a memória, pois são esses entrecruzamentos que resultarão no ato rememorativo e numa criação esteticamente literária sobre determinado fato histórico. Vale lembrar que essa experiência histórica e a relação com a memória não estão puramente centradas no testemunho de algo real, conforme já enfatizado, mas também à estética verbal que trará à tona um incompleto testemunho revertido por uma ética, porque não é demasiadamente ficcional, e uma estética que, em termos de linguagem, possui o trabalho ligado à ficção. Por isso, faz-se necessário, uma vez mais, ressaltar que a *literatura de testemunho* não servirá como meras lições de um passado histórico, mas sim como produção literária, mesmo como procedimento testemunhal, ela atravessa a realidade para se tornar e fundar, rememorativamente, outras ficcionais realidades testemunhais. As quais, por sua vez, Seligmann-Silva (2003) denominará de uma forma de “real”, que não deve ser confundida com a realidade, que resiste às representações, porque carrega em si mesma *traumas*.

Outro importante fator que marca os procedimentos da *literatura de testemunho*, diferenciando-a do que se compreende, teoricamente, por Literatura,

é o seu atravessamento e, ao mesmo tempo, o processo de delineamento para com a História. Principalmente porque a *literatura de testemunho* não está permeada somente pela assertiva de descrever/transcrever a História, com o intuito de tornar a escrita meramente comprometida com certas realidades epistemológicas. Pois, em parte, é aqui que reside o perigo para uma literatura que se quer testemunhal, pois, durante esse processo de somente tentar descrever/transcrever testemunhalmente, ela pode, de forma indireta, realimentar um passado ou continuar reforçando os estereótipos e, principalmente, encorajar a continuação do passado em muitos personagens reais do presente. Passado esse que foi, para muitos povos, só um triste tempo, sobretudo no processo de colonização e das guerras coloniais.

Nesse caso, o testemunho, atrelado à ficção, rompe sutilmente a estética; ainda que comprometido com um presente e um futuro diferentes do passado, com uma funcionalidade que frequentemente vale-se da aparência de uma escrita que reverbera marcas subjacentes às descrição/transcrição puramente históricas. Como vimos, descrever/transcrever é perigoso para quem almeja um presente e um futuro diferentes do passado geralmente repleto de episódios históricos negativos, dado que as histórias dos vencidos e das minorias foram silenciadas. Aqui, a *literatura de testemunho* seria um dos procedimentos a “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 2012, p. 245).

Na interatividade dialógica, esse tipo de literatura possui dimensões revisitadas por um duplo procedimento que, em primeiro lugar, está demarcado pela elaboração textual-literária, em que estão intrinsecamente interligadas ética e estética, na formação de uma realidade completamente nova. Já em relação ao segundo procedimento essa literatura subsiste, paralelamente, a partir de uma realidade histórica, que nunca deixa de ser contextualizada. As temporalidades, as relações sócio-históricas dos sujeitos e as territorialidades estão circunscritas nesses dois procedimentos.

Nessa perspectiva, a dimensão dual entre história e realidade ficcional é para a *literatura de testemunho* a justaposição entre dimensões complexas e a diferença entre a própria história e a literatura; entre a representatividade discursiva dos acontecimentos históricos, enquanto realidade, e o processo mimético, a *mimese*. No que resulta em uma *literatura de testemunho* como ato ético e estético de comunicabilidade, pois, segundo Cerqueira (2011),

A literatura é muito mais complexa do que a política e a revolução, pois não apenas expressa a atmosfera política, a luta pela independência e o desejo coletivo por liberdade, mas também utiliza um gênero, uma concepção pessoal e uma forma que envolve os protestos com imagens e composições cênicas que vão além do combate direto à expressão metafórica e simbólica de angústia pessoal e coletiva, e sonhos, que são

maiores que a vida. (Cerqueira, 2011, p. 118).

Para Seligmann-Silva (2003), a literatura restitui, enquanto é, em si mesma, reestabelecida por meio da linguagem e de todo o trabalho estético, imprescindível ruptura entre a realidade, que é histórica e discursiva, e a ficção. Assim, a literatura no limiar de um procedimento testemunhal rompe com o que o teórico denomina de *referência* e de *auto-referência* e que teria predominado em narrativas literárias por duzentos anos.

É, sobretudo, na ampliação de uma fronteira muitas vezes referencial, subjetiva e ao mesmo tempo coletiva, linguística, rememorada e de resistência, entre outras questões, que a literatura de testemunho surge. Seu intuito é de se tornar a representação de outras realidades, com uma complexidade que estabeleça relações revisionistas na literatura e na história. Assim, ela contribui diretamente para subverter uma lógica narrativa que privilegiava, na maioria das vezes, as histórias dos supostos vencedores em detrimento das dos vencidos; que silencia e procura subjugar as múltiplas histórias.

Conforme ressalta Seligmann-Silva,

Na literatura de testemunho não se trata mais de *imitação* da realidade, mas sim de uma espécie de “manifestação” do “real”. É evidente que não existe uma transposição imediata do “real” para a literatura: mas a *passagem* para o literário, o trabalho do estilo e com a delicada trama de som e sentido das palavras que constitui a literatura é *marcada* pelo “real” que resiste à simbolização. (Seligmann-Silva, 2003, p. 383).

## O testemunho na expressão poética de angolano Agostinho Neto em Poemas de Angola

Publicado em edição brasileira, em 1976, pela *Editora Codecri Limitada* (Rio de Janeiro) na coleção *Edições do Pasquim* (quinto volume), o livro *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto, traz à baila diversas questões que podem criticamente serem analisadas como elementos da *literatura de testemunho*. Desde o título, a obra prontamente demarca e aponta uma geografia, um espaço real onde emergiram suas narrativas poéticas e a marcação temporal do passado histórico colonial vivenciado por Angola.

*Poemas de Angola* conta com a apresentação/prefácio escrita pelo escritor brasileiro Jorge Amado (Itabuna, 10 de agosto de 1912 — Salvador, 6 de agosto de 2001). No total, o livro possui 52 páginas, sendo que na última consta o

fax-símile do mandato de prisão, expedido em nove de junho de 1960 pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), delegação de Angola. Ele havia sido acusado de cometer “atividades subversivas contra a segurança externa do Estado” (Neto, 1976, p. 50), como consta na *Nota dos motivos de prisão* assinada pelo então Inspector-Adjunto, o senhor Aníbal de São José Lopes.

Agostinho Neto categoriza, por meio de uma voz lírica, o testemunho de um espaço, nesse caso a geografia angolana, por isso mesmo o título *Poemas de Angola*. Ele utiliza uma estratégia discursiva e poética em que a rememoração do passado e a relação direta com o presente sintetizam a *literatura de testemunho*, ao passo que o ser africano, ora em um íntimo “eu”, ora em diversos personagens afetivos e simbolicamente “coletivos”, mantém relações intrínsecas com as representações simbólicas de uma literatura testemunhal, marcados sobremaneira, conforme veremos pela história, pelo real, ou seja, atravessados pelos seus passados para compor outras realidades.

Pois, como será possível verificarmos, é sobretudo através da *literatura de testemunho* que o poeta Agostinho Neto tenta conjugar a realidade e a ficção, buscando trazer a lume dois aspectos benjaminianos, enfatizados por Gagnebin (2006), que são: *o sofrimento*, ou o horror, e a *história dos sem nomes*, ou seja, dos *anônimos*. Trata-se de uma maneira de refazer os caminhos históricos por meio do simbólico, da ficção.

Em uma confrontação direta com a expressão poética de Agostinho Neto, aqui partindo de uma leitura analítica centrada no livro *Poemas de Angola*, é notório ressaltar que a *literatura de testemunho* encontra-se dotada, conforme frisado, por uma ética e uma estética e um papel quase que comprometido histórica e politicamente. Visto que a voz lírica presente nos poemas ultrapassa os limites de uma realidade para se tornar outra *realidade*, a qual é, simultaneamente, uma instância criativa e testemunhal, principalmente para a história de uma Angola que acabar de superar, depois de sangrentos conflitos, um dos processos mais duradouros da história da colonização, tendo vivido sob o jugo português. No entanto, em relação a esse processo de colonização é possível afirmar que foi superado em parte, porque, nessa sociedade, ainda impera uma ferida feita pelos colonizadores, sendo repleta de lacunas e permeada por uma complexidade sócio-histórica ainda não superada.

Por isso não é à toa que o livro *Poemas de Angola* inicie com um dos poemas mais emblemáticos de Agostinho Neto, intitulado *Poesia Africana*. Nesse poema, parte das dores, que o jugo do poder dos colonizadores produziu na África, estão reverberando a cada verso, de maneira incessante. Alongando o tempo histórico e trazendo a poética de um horror por meio de uma voz, do chamado herói anônimo. Vejamos a estrofe inicial do poema:

Lá no horizonte  
 o fogo  
 e as silhuetas escuras dos imbondeiros  
 de braços erguidos.  
 No ar o cheiro do verde das palmeiras queimadas.  
 (Neto, 1976, p. 13).

O poeta Agostinho Neto promove uma figuração onde a natureza africana é uma das partes da simbiose das dores sofridas pelos africanos no processo de colonização. Nesse mesmo poema, é como se esse sofrimento, da natureza e do ser humano africano, fosse crescendo dentro de um horizonte em fogo. “No ar o cheiro do verde das palmeiras queimadas” é o paradoxo da dor e da não dor; do antes e do depois. O ritmo imposto pelo poeta é de uma dor que cresce perante um céu que reflete toda essa imensidão dolorida. A imagem final contém um fogo, simbolizando o poder dos colonizadores que vai consumir, gradativamente, os seres e a África: “a terra quente dos horizontes em fogo.” (Neto, 1976, p. 14).

A memória, demarcando o passado e o trabalho estético com a linguagem, demarcando tanto a territorialidade e as temporalidades históricas – passado, presente e futuro - são juntos os procedimentos possíveis na *literatura de testemunho*. Assim, a justaposição ética e estética resulta em uma das principais características da instauração de outras realidades, fora e dentro de um real histórico, de uma literatura que não é puramente “uma imitação do mundo” (Seligmann-Silva, 2003, p. 372). Mas é, para além disso, uma imitação ficcional de uma realidade histórica, política, cultural, social e discursiva. Dessa forma, a *literatura de testemunho* reorganiza maneiras de estar no mundo para resultar em outros mundos históricos possíveis, conjugando principalmente a memória e a escrita. É por isso que, no poema *Mussunda Amigo*, o eu lírico nos inquire:

E escrevo  
 versos que tu não entendes!  
 Compreendes a minha angústia?  
 (Neto, 1976, p. 18).

A inquirição em torno da angústia é a expressão poética que Agostinho Neto encontrou, nesse poema, para problematizar todo um testemunho histórico que vivenciou em Angola e depois na condição de sujeito colonial, dentro de Portugal, quando estudava medicina. Esse verso traz à tona a relação dos olhares do outro e de si mesmo; dos olhares dentro e de fora da espacialidade africana. É o que Seligmann-Silva (2003), caracteriza, no que tange à *literatura de testemunho*, como a ferida que não fecha. Por isso, a interrogação é um dos mais adequados

procedimentos encontrados pelo poeta para problematizar e adentrar o passado histórico. Inevitavelmente, a resposta estará implicada e implicando em cada leitor.

O poema *Mussunda Amigo*, que não deixa de ser um dos mais emblemáticos escritos poéticos do autor, traz em si alguns aspectos importantes para compreendermos uma literatura verdadeiramente testemunhal. Entre eles, há a marca preponderante da junção coletiva de um *eu* e de um *outro*, figurado através do personagem Mussunda, para resultar, no final do poema, em um *nós*. Este é reforçado pelo *somos*, que, por sua vez, é marcado por várias implicações, entre elas: a reelaboração da formação de uma consciência histórica; o mesclar de um hibridismo linguístico, quando o poeta, como é próprio de sua prática, circunscreve cantos da cultura angolana no corpo do poema; a presença marcante de interrogações que corroboram a problematização do passado histórico; a rememoração e o ritmo final permeado por uma esperança. Além do mais, o poeta reinvoça o passado histórico, como é possível percebemos nessa estrofe do poema:

Lembras-te?

Da tristeza daqueles tempos  
em que íamos  
comprar mangas  
e lastimar o destino  
das mulheres da Funda,  
dos nossos cantos de lamentos  
dos nossos desesperos  
e das nuvens dos nossos olhos  
Lembras-te? (Neto, 1976, p. 17).

No mesmo poema, Agostinho Neto traz, para o presente, uma insistente esperança. Esta, segundo enfatizado por Walter Benjamin (2012), serve para sinalizar uma experiência de natureza comunicável, já que, para ele “[...] Nenhuma renovação técnica da língua, mas sua mobilização a serviço da luta ou do trabalho e, em todo caso, a serviço da transformação da realidade, e não da sua descrição.” (Benjamin, 2012, p. 126). Para compreendermos melhor, vejamos a penúltima estrofe do poema:

Inseparáveis  
caminhando ainda para o nosso sonho.

Os corações batem ritmos  
de noite fogueirentas

os pés, dançam sobre palcos  
de místicas tropicais  
os sons não se apagam dos ouvidos

- o ió Kalunga ua mu bangele...

Nós somos!  
(Neto, 1976, p. 18 e 19).

À revelia do que se possa imaginar, a *literatura de testemunho* não pode ser entendida como um procedimento que visa reaver os danos de um passado histórico sombrio ou estigmatiza-lo simplesmente, pois ela, que também não deixa de ser política, possui uma rememoração do passado, mas sempre atenta ao presente e ao futuro. Em todo caso, se essa literatura possuísse uma lógica aparente, seria a de não valorizar os episódicos históricos no presente, mesmo que este ainda esteja marcado por uma ferida aberta, de cura quase impossível, e com a necessidade de suplantar caminhos, como é possível observarmos na segunda estrofe do poema *Fogo e Ritmo*:

Caminhos largos  
cheios de gente cheios de gente  
cheios de gente  
em êxodo de toda parte  
caminhos largos para os horizontes fechados  
mas caminhos  
caminhos abertos por cima  
da impossibilidade dos braços.  
(Neto, 1976, p. 15).

Faz-se perceptível que a expressão poética de Agostinho Neto nos poemas do livro *Poemas de Angola*, solidariamente testemunhal, traça uma simbologia de um panorama revolucionário, sem condenar direta e explicitamente os martírios do passado histórico sofridos ao longo dos anos pelo espaço geográfico da África e, sobretudo, pelos africanos. Isso porque, segundo enfatiza Cerqueira “a práxis de Neto enquanto poeta funciona com a afirmação das coisas como elas são” (Cerqueira, 2011, p. 20). Podemos destacar ainda que o poeta circunscreve um panorama revolucionário não no nível das convicções, superficial, mas dentro de uma atitude que se volta visivelmente para os tempos presente e futuro. A voz lírica, como pudemos observar nos versos acima, não desiste da possibilidade de haver qualquer resquício de esperança nos caminhos *largos para os horizontes*

*fechados.*

Logo, o poeta opera dentro de um pragmatismo a que alude Benjamin (2012) ao ressaltar que o texto literário deve apresentar tenuemente uma *tendência política* ligada a uma *tendência literária*, ambas se complementando, conforme reverbera sua ética e sua estética, que já ressaltamos. Nesse sentido, o poeta é um produtor, indo além de suas convicções. Por isso, Agostinho Neto, sempre de olho no presente e no futuro, expressa poeticamente uma esperança inexorável, como é possível percebermos na sexta estrofe do poema *Kinaxixi*, vejamos:

Nem felicidade nem ódio.

Depois do sol posto  
esconderiam as luzes e eu  
iria sem rumo  
a pensar que a nossa vida é simples afinal  
demasiada simples  
para quem está cansado e precisa de marchar.  
(Neto, 1976, p. 20).

O poeta e sua voz lírica ao longo da obra *Poemas de Angola* não desistem dos caminhos, mesmo que com os horizontes fechados e as luzes escondidas, ou que cansados estejam – se lhes resta, assim como a todos os africanos e povos oprimidos, a *marcha* para além do cansaço, ou o *perambular sem rumo*, como ele mesmo destaca, isso torna-se um modo de resistência e, ao mesmo tempo, testemunhal. Resta-lhes abrir impossíveis caminhos dentro de suas vidas demasiadas simples e soerguer as (suas) vozes antes dolorosas da África.

A *literatura de testemunho* que predomina em *Poemas de Angola* possui uma peculiar característica, a qual Bertold Brecht denominará como sendo uma *representação das condições*, sem a recorrente proposta de permanecer apenas na ação sem aplicabilidade. De tal modo que os poemas possuem implicações de confrontar e principalmente questionar as relações de vivência no mundo, como é possível observamos em duas estrofes do poema *Do povo buscamos a força*:

Lutar pra quê?  
Pra dar vazão ao ódio antigo?  
ou pra ganharmos a liberdade?  
e ter pra nós o que criamos?

Na mesma barca nos encontramos.  
Quem há-de ser o timoneiro?

Ah as tramas que eles teceram!  
 Ah as lutas que aí travamos!  
 (Neto, 1976, p. 50).

Entre outras questões, o que Agostinho Neto apresenta enquanto problemática, é importante ressaltar, é a implicação em torno da coletividade, a que o poeta alude diretamente em vários poemas do livro *Poemas de Angola*, conforme será possível verificarmos. É uma poética que traz, intrinsecamente, a força centrada nas interrogações e, mais ainda, no que poderá conter cada resposta possível para elas. Essas respostas são tomadas de posições históricas nos discursos, o que, para Seligmann-Silva (2003), trata-se de uma travessia por uma *auto-referência* e pela *referência*, nesse caso específico, à história das lutas pela libertação de Angola e pelo fim do processo de colonização culminando em problematizações diretamente ligadas à própria realidade e ao testemunho.

Ao mesmo tempo em que aponta para uma coletividade, Agostinho Neto, conforme veremos no poema abaixo intitulado *Aspiração*, pluraliza uma dor que é aparentemente só dele e a aponta para outras geografias. Buscando especialmente, convergir os povos que perpassaram pelo processo de colonização e ele mesmo, para que sejam aludidos como heróis anônimos, historicamente silenciados, colonizados, mas que continuam “mais humilde e menos triunfante” (Gagnebin, 2006, p. 53). Nesse caso, a função da expressão poética, assim como os procedimentos de uma *literatura de testemunho* é fazer com que a história e suas realidades não se percam dentro de uma ênfase tradicional. Pois, para Gagnebin (2006), o herói é despossuído de um rosto específico, porque é anônimo, ao mesmo tempo que é uma espécie de ser destroçado, que esteve incessantemente recolhendo seus *cacos* e seus silenciamentos. Vejamos o poema na íntegra:

### Aspiração

Ainda o meu canto dolente  
 e a minha tristeza  
 no Congo, na Geórgia, no Amazonas.

Ainda  
 o meu sonho de batuque em noites de luar

Ainda os meus braços  
 ainda os meus olhos  
 ainda os meus gritos.

Ainda o dorso vergastado  
o coração abandonado  
a alma entregue à fé  
ainda a dúvida.

E sobre os meus cantos  
os meus sonhos  
os meus olhos  
os meus gritos  
sobre o meu mundo isolado  
o tempo parado.

Ainda o meu espírito  
ainda o quissange  
a marimba  
a viola  
o saxofone  
ainda os meus ritmos de ritual orgiaco.

Ainda a minha vida  
oferecida à Vida  
ainda o meu desejo.

Ainda o meu sonho  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu Querer.

E nas senzalas  
nas casas  
nos subúrbios das cidades  
para lá das linhas  
nos recantos escuros das casas ricas  
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo  
transformado em força  
inspirando as consciências desesperadas.  
(Neto, 1976, p. 32 e 33).

Nesse poema, a predominância do advérbio ainda interliga e reforça cada imagem poética que vai surgindo ao longo do poema, instaurando, de imediato, pelo menos duas formas subliminares de uma *literatura de testemunho*, uma que está ligada a interpolação da memória e, no segundo plano, um processual alongamento do tempo histórico. Dessa forma, o advérbio ainda, além de interligar as estrofes do poema, instaura um tempo presente, marcando sobremaneira processos de inquirições.

O poeta Agostinho Neto, na urgência de suas lembranças, traz para o presente, por meio de construções metafóricas, que são simultaneamente subjetivas e coletivas, imprescindíveis questões em torno da exploração do ser e da espacialidade, como as senzalas e os subúrbios. Sua expressão poética busca, como é possível percebermos em um dos versos, transformar *em força* uma triste e dolorosa história sua e de um povo inteiro, para ainda assim inspirar *as consciências desesperadas*, que Benjamin (2012) denomina de “a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 2012, p. 213).

No entanto, o poema *Aspiração* tenta problematizar as relações históricas de subalternidade, através, por exemplo, dos processos de colonização. Agostinho Neto *presentifica* em sua poética uma cronologia histórica do que passou, para inibir e resistir a uma possível volta do passado, por isso mesmo o poeta faz reverberar, nesse poema, múltiplos espaços, tais como o Congo, a Geórgia e a Amazônia, que segundo ele são lugares *onde os negros murmuram: ainda*. É exatamente por essa resistência que a *literatura de testemunho* busca abarcar toda uma complexa problematização histórico-discursiva do lembrar como forma de resistência, como é possível vermos nessa estrofe:

Ainda o meu sonho  
o meu grito  
o meu braço  
a sustentar o meu Querer  
(Neto, 1976, p. 33).

A partir desse poema é possível afirmar que o poeta angolano Agostinho Neto circunscreve uma poética que prima pelo embate e pela problematização histórica e testemunhal. Assim, ele busca incessantemente processos de reelaboração crítica, tanto pelo querer quanto pela esperança, no intuito de tornar possível outros dias e outras realidades historicamente presumíveis, pois a poética de Agostinho Neto “junto com a sua evocação e conteúdo, é um ato ou ação” (Cerqueira, 2011, p. 21). O *ainda* recorrente no poema é também o lembrar, predominando como uma maneira de resistir e evitar, testemunhalmente, que o passado gere outras ressurgências para o presente. São, sobretudo, essas

problematizações que são perceptíveis nos poemas do livro *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto seguindo o que enfatiza Walter Benjamin (2012), ao dizer que

Arememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades específicas da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. (Benjamin, 2012, p. 126).

## Biografia de Agostinho Neto – vida e obra

Registrado com o nome de António Agostinho Neto, mas literariamente conhecido somente como Agostinho Neto, o autor nasceu no dia 17 de setembro de 1922, em uma aldeia de nome Kaxicane, no Conselho de Icolo e Bengo, a cerca de sessenta quilômetros próximos de Luanda, em Angola, no Continente Africano. Entre os anos de 1938 a 1946, Agostinho Neto cursou o ensino médio em Luanda, nesse período começa a escrever textos e contribuir para jornais locais, entre eles, segundo (Cerqueira, 2011), estão os jornais *O estandarte*, *O Farolim* e *O Estudante*. Já nesse período, segundo Nelson Cerqueira, seus textos abordam temáticas diretamente ligadas à política e às preocupações sociais.

Entre diversas atividades profissionais, Agostinho Neto trabalhou até o ano de 1947 ocupando o cargo de servidor público, efetivado no Serviço de Saúde Colonial Português. É justamente nesse ano que deixa Angola para estudar medicina na Universidade de Coimbra, em Portugal, mas se formando somente no ano de 1958, em Lisboa, Portugal. Em 1948 seus poemas começam a serem editados, tendo como uma de suas primeiras publicações a participação na *Revista Mensagem*, editada pela Associação dos Naturais de Angola. Anos mais tarde, publicou poemas também nas revistas *Meridiano* e *Momento*.

Uma de suas primeiras prisões aconteceu em 1952, em Lisboa, quando foi acusado de atividades subversivas por estar recolhendo assinaturas para o que foi denominado de *Pacto da Paz*. Foi em Lisboa também que Agostinho Neto fundou, juntamente a Amílcar Cabral (Bafatá, Guiné Portuguesa, actual Guiné-Bissau, 12 de setembro de 1924 — Conacri, 20 de janeiro de 1973) e outros amigos, o Centro de Estudos Africanos (CEA), que teve entre as principais contribuições a publicação de uma coletânea de poética exclusivamente africana, intitulada de *Cadernos de Poesia Africana de Expressão Portuguesa*, que incluiu poemas de Agostinho Neto. Em 1955, o autor voltou a ser preso pela polícia portuguesa e, no

ano seguinte, juntou-se ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

Agostinho Neto casou-se, em outubro de 1958, com a escritora e jornalista portuguesa Maria Eugénia da Silva e retornou para Angola em dezembro do mesmo ano, onde montou uma clínica para atendimentos ginecológicos. Contudo, por volta de um ano e meio depois, em 1960, voltou a ser preso, dessa vez pela Administração Portuguesa em Angola, fato que contribuiu para resultar em um conflito armado na cidade onde nasceu, como manifestação de solidariedade e contra a sua prisão. Este provocou um trágico resultado com mais de 200 feridos e 30 mortos segundo Nelson Cerqueira (2011), que ressalta:

Pressões políticas externas forçaram os portugueses a libertar Neto, mantido, porém, em prisão domiciliar em Lisboa, de onde escapou, fugindo para o Marrocos e, em seguida, para o Zaire. Ali, tornou-se presidente do MPLA, cujo ponto de partida foi o manifesto escrito por Viriato da Cruz, com a ajuda de Mário de Andrade e Lúcio Lara. (Cerqueira, 2011, p. 33-34).

Depois de longos conflitos armados para a libertação de Angola do jugo colonialista de Portugal, finalmente em 11 de novembro de 1976, após a Revolução dos Cravos que resultou na retirada das forças armadas portuguesa de Angola, foi declarada independência de Angola por meio do MPLA, e, nesse mesmo dia, Agostinho Neto foi declarado o primeiro presidente da República de Angola.

Na apresentação da edição brasileira do livro *Poemas de Angola*, o escritor brasileiro Jorge Amado (1976) frisou que:

O Brasil reconheceu a independência de Angola, o governo presidido por Agostinho Neto, legalmente instalado em Luanda. Acerto diplomático a que deve seguir-se o apoio do povo brasileiro ao governo angolano para que a independência não seja afogada em sague, e não se veja Angola passar de colônia portuguesa a país dependente dos trustes americanos ou vassalo do governo racista da África do Sul; não seja seu território dividido em três ou quatro pseudos-países – nessa guerra da Indochina agora travada na África. (Amado, 1976, p. 8-9).

Foi ainda em 1976 que Agostinho Neto criou um movimento voltado para as artes, contribuindo para a fundação da União de Escritores Angolanos exatamente um mês depois de declarada a independência do país.

Com uma produção poética que durou dos anos de 1945 até por volta de 1960, Agostinho Neto morreu no dia 10 de setembro de 1976, em Moscou, em decorrência de um câncer. Entre suas diversas publicações, estão: *Náusea*, com

diversos contos, publicado em *Mensagem* no ano de 1952; *Quatro poemas*, em 1957; o livro *Com os olhos secos* publicado em 1969; a coletânea de poemas *Sagrada Esperança*, em 1974; o livro *Poemas de Angola*, em 1976; *Sobre Literatura*, em 1978; o livro *A Renúncia Impossível – poemas inéditos* editado em 1982, sete anos após o falecimento de Agostinho Neto e o livro *Poesia*, coletânea de poemas não publicados editado em 1998.

## Considerações finais

A *literatura de testemunho* mantém uma complexa relação entre a realidade, que é histórica, e a ficção, que é, ao mesmo tempo, linguística e estética, além disso, é discursiva e instauradora de outras realidades. Essa complexidade é, principalmente, procedimental, pois revertem diversas características, sendo uma maneira de trazer a lume histórias silenciadas, um modo de resistência. Assim, a escrita testemunhal narra, de forma subjacente a tramas históricas, o incompleto testemunho de um ou vários horrores da história. Desse modo, o testemunho vai sendo cerzido para resultar noutra realidade, sobretudo mais problematizadora e repleta de reivindicações e menos imitacional do mundo. Pois, para Seligmann-Silva (2003), a *literatura de testemunho* abre uma fissura entre as coisas, o mundo, suas histórias e as palavras.

Dessa forma é que Agostinho Neto faz reverberar em sua expressão poética, especialmente no livro aqui analisado, *Poemas de Angola*, todo o testemunho de um passado histórico. Para tanto, o poeta reelabora forças líricas históricas e contestadoras. Entre as quais podemos destacar, pelo menos, duas condições primordiais de uma *literatura de testemunho*, que são, em primeiro lugar, as relações intrínsecas demarcadas pelo espaço geográfico e a temporalidade, ambas atreladas a uma determinada realidade histórica. Em segundo lugar, o trabalho estético e ético com a linguagem, aqui no caso dessa última, a literatura.

Logo, a expressão poética do autor analisado ultrapassa a mera representação simbólica do mundo e da história, indo além do que Seligmann-Silva (2003) denomina de *auto-referência* e de *referência* para rerepresentar outras realidades. Nesse sentido, a poética de Agostinho Neto não é a mera imitação do passado histórico de Angola, no período colonial, ou mesmo pós-colonial, mas sim uma aplicação da linguagem com relação às coisas históricas de seu mundo, com o desígnio de resgatar os traumas e os horrores e os representar, reelaborando a realidade por meio de uma poética de rememoração e de resistência.

A expressão poética presente no livro *Poemas de Angola*, de Agostinho Neto, marca os espaços geográficos e as experiências coletivas dos angolanos

no período colonial, quando Angola encontrava-se na condição de colônia portuguesa, e convoca para o presente a esperança e a resistência, que concernem à *literatura de testemunho*. A força da poética desse livro e toda a sua relação com a *literatura de testemunho* é a representação de outras realidades, o enfrentamento como resistência, além de toda a implicação de grafar as manifestações de uma realidade histórica. Assim, o real é problematizado, residindo, em cada poema, uma reivindicação de outras verdades silenciadas e subjugadas historicamente em Angola, onde os heróis anônimos buscam reconstruir seus cacos recolhidos ao longo da história.

## Referências

AMADO, Jorge. Prefácio para uma coletânea de poemas de Agostinho Neto. In: NETO, Agostinho. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Editora Codecri Limitada, 1976.

APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre. *Poesia Africana de Língua Portuguesa – Antologia*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica – Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. *Obras Escolhidas I*. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CERQUEIRA, Nelson. *A estética da recepção da poesia de Agostinho Neto*. Tradução de Yvenio Azevedo. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

NETO, Agostinho. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Editora Codecri Limitada, 1976.

\_\_\_\_\_. *A renúncia impossível*. República de Cuba: Ediciones Cubanas, 1985.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). *História, Memória, Literatura – O Testemunho*

na Era das Catástrofes. Campinas: SP. Editora da Unicamp, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem* – indagações sobre o século XX. Tradução de Joana Angélica D’Avila. São Paulo: ARX, 2002.

**Resumo:** Esse trabalho visa abordar questões ligadas aos procedimentos da *Literatura de Testemunho*, o *corpus* em análise é a poesia de Agostinho Neto. A análise é pautada pelo pensamento crítico e filosófico de Walter Benjamin, a partir de, essencialmente, os ensaios *Experiência e Pobreza* e *O narrador*. Baseia-se também em outros teóricos, como Seligmann-Silva (2003); Gagnebin (2006); Alfredo Bosi (2002). Relaciona, de forma subjacente aos poemas de Neto, questões em torno da memória; do papel relacionado à ironia, desempenhado pela literatura; das relações de valores; do ético; do estético; da rememoração; da resistência, características da *Literatura de Testemunho*. Entre os resultados, conclui-se que a poética agostiniana opera com significações simbólicas ligadas às histórias de lutas coloniais, Pró-libertação de Angola, na África.

**Palavras-chave:** Agostinho Neto. Literatura de Testemunho. Literatura Africana. Poesia Angolana.

### **Witness Literature in poetic expression of poet Agostinho Neto**

**Abstract:** This paper aims to address issues related to the procedures of *Witness Literature*, the *corpus* being the poetry of Agostinho Neto. The analysis approaches the philosophical and critical thinking of Walter Benjamin, primarily over the essays *Experience and Poverty* and *The Storyteller*, it also approaches theorists like Seligmann-Silva (2003); Gagnebin (2006) and Alfredo Bosi (2002). This study addresses, subjacently, issues related to the memory; the irony’s role on literature; values, ethics, aesthetics, remembrance and resistance’s relationships, amidst other issues that result in so-called *Witness Literature*. Among the results, it was concluded that the *Augustinian poetry* operates with symbolic significations closely linked to the colonial struggles, Liberation of Angola in Africa.

**Keywords:** Agostinho Neto. Witness Literature. African Literature. Angolan Poetry.

Recebido em 17 abril 2019  
Aprovado em 04 maio 2019